

COMBATE

A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES É OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES

«O QUE A CLASSE OPERÁRIA E TODOS OS TRABALHADORES EXPLORADOS TÊM CONSCIÊNCIA É DE QUE O DESEMPREGO NÃO DEVERÁ SER ASSUNTO DE CADA EMPRESA, E QUE SÓ COM A UNIÃO DE TODOS OS EXPLORADOS SE PODERÁ RESPONDER FIRMEMENTE ÀS MANOBRAS DO CAPITALISMO. É NA RUA QUE AS CLASSES EXPLORADAS TÊM DE RESPONDER ÀS MANOBRAS REACCIONÁRIAS DO PATRONATO.»

Apelo
da Folha
Informativa
das reuniões
de
trabalhadores
inter-empresas
<Trabalhadores
em Luta>
Supl. n.º 2

LUTEMOS CONTRA OS DESPEDIMENTOS!

Assiste-se hoje ao despedimento de largos milhares de trabalhadores no nosso País. Prevêem-se para Março 300 mil desempregados, que é cerca de 10 % da população activa.

Os capitalistas, associados na C. I. P. (Confederação da Indústria Portuguesa), nos partidos e outras associações do patronato, procuram adquirir influências nas massas trabalhadoras com vista às próximas eleições. Assim, uns despedem, e outros, dizendo-se defensores dos interesses dos trabalhadores, nada fazem para impedir esses despedimentos. Em cada dia que passa vêm ao conhecimento público notícias de mais despedimentos, e consequentemente de mais famílias atiradas na miséria e na fome.

Perante esta situação, os trabalhadores que não têm outro meio de subsistência do que a venda da sua força de trabalho, não podem ficar indiferentes a estas manobras, mas sim lutar intransigentemente contra o sistema de exploração que lança os trabalhadores na miséria quando os lucros dos capitalistas começam a diminuir. Os desempregados são um exército de reserva que permite baixar os salários, e que pode levar até ao retorno do fascismo,

pois as grandes vagas de despedimentos somadas às sabotagens dos capitalistas e imperialistas criam uma instabilidade política que os partidos burgueses, com os fascistas à frente, sabem transformar numa atmosfera política e espiritual que precede a contra-revolução, que precede os golpes militares fascistas.

Só a resposta firme dos trabalhadores da TAP fez com que a administração não conseguisse levar adiante os seus intentos de manter no desemprego dezenas de trabalhadores.

Só a resposta firme dos trabalhadores da EFACEC/INEL fez com que a administração reintegrasse trabalhadores já por ela despedidos e passassem a efectivos todos os trabalhadores que até à data o capital conseguiu tê-los como eventuais. Também na EFACEC/INEL, assim como noutras empresas, os trabalhadores disseram não às horas extraordinárias para assim possibilitar a criação de novos empregos.

Só a resposta firme dos trabalhadores da Siderurgia Nacional em dizer não às horas extraordinárias possibilitou a criação de cerca de 700 empregos.

É assentando nestas lutas firmes contra os despedimentos, é aprendendo com todas as lutas desencadeadas contra as leis anti-operárias criadas pela «Democracia» para garantir a estabilidade da economia nacional dos patrões, que a classe operária vem criando um forte movimento popular.

É com luta, é com a organização e com a unidade de todos os explorados em torno da classe operária que se luta contra os despedimentos, e não com «nacionalizações» que só quebram o ímpeto da luta dos explorados contra a exploração capitalista.

(Conclui na terceira página.)

CAMODA

LUTA CONTRA OS DESPEDIMENTOS

TRES PROCESSOS, A MESMA LUTA: SOGANTAL (CAPITAL FRANCÊS), CHARMINHA (CAPITAL AUSTRIACO), CAMODA (CAPITAL ALEMÃO).

NA FÁBRICA CAMODA, CONFECÇÕES, DE CAPITAL ALEMÃO, 32 OPERÁRIAS QUE DESDE O DIA 10 DE JANEIRO OCUPAM PERMANENTEMENTE OS LOCAIS DE TRABALHO PARA LUTAREM CONTRA OS DESPEDIMENTOS E, SEGUNDO ELAS, A ÚNICA GARANTIA AO TRABALHO É A NACIONALIZAÇÃO DA FÁBRICA.

SEGUIE-SE UMA ENTREVISTA COM AS OPERÁRIAS DA CAMODA:

— Como se iniciou a vossa luta?

— Bem, a Camoda abriu há dois anos. Foi uma fábrica que teve sempre trabalho e havia sempre dinheiro para nos pagarem. Os salários, na altura, eram muito baixos, exploravam-nos bastante.

Eu, por exemplo, vim para cá ganhar 70\$00, mas havia pessoas a ganhar 2\$5, outros 30\$. Quando havia aumentos era de 5\$. Isto antes do 25 de Abril.

Entretanto dá-se o 25 de Abril e em Maio já se ouvia dizer que não havia

dinheiro, que não havia tecidos e o que havia acabou-se e desculpavam-se que não havia dinheiro, mas promessas havia muitas. Depois começámos a trabalhar só quatro dias por semana, mas estavam sempre a dizerem-nos que mais um mês e trabalhávamos a semana inteira. Os encarregados trabalhavam todo o mês. Começámos a sentir bastante revoltados, pois se os encarregados trabalhavam todo o mês e nós só quatro dias por semana, temos barriga para comer como eles. E já lá vão oito meses em que nos encontramos nestas circunstâncias, de forma que chegou a altura que não podemos suportar mais.

(Continua na pág. 6)

NESTE NÚMERO:

- LUTAS CONTRA OS DESPEDIMENTOS E PELO SANEAMENTO

(ALGOT-VALURA-EFACEC/INEL-NEFIL-SIDERURGIA)

- INTERNACIONALISMO (GRÁ-BRETANHA IMIGRANTES: FRANÇA CORREIOS)

- APELO AOS DESERTORES, REFRACTARIOS E ANTI-COLONIALISTAS

- IMPRENSA DE BAIRRO E FABRICA

- EDITORIAL (UNICIDADE SINDICAL)

ALGOT INTERNACIONAL CONFECCOES, LDA.

GREVE PELO SANEAMENTO E CONTRA DESPEDITAMENTOS

Entrevista na ALGOT INTERNACIONAL CONFECCOES, LDA. (capital suco) com alguns elementos da com. de trabalhadores (9-1-75)

COMB. — Podiam começar por dizer como se iniciou o vosso processo de luta.

A. — Ora o nosso processo de luta começou nas conversações com a comissão da parte da administração que se recusou a dialogar e de uma vez que isso aconteceu todos os trabalhadores se juntaram e acharam que a melhor maneira seria a greve... é a actual situação em que estamos.

COMB. — Existe uma comissão de trabalhadores; essa comissão foi eleita pelos próprios trabalhadores?

A. — Esta comissão foi eleita por todos os trabalhadores, portanto está legal perante eles.



COMB. — Qual o número de trabalhadores que compõe essa comissão?

A. — São 16 elementos: uma presidente, dois vice-presidentes e o resto são todos membros da comissão, tudo por igual.

COMB. — Podiam explicar o caso do saneamento de uma encarregada...

A. — Sim, o processo da D. Mariana, ou seja o saneamento dela foi derivado à maneira que ela procedia para com todos os operários desta firma e todos juntos resolveram sanear-lá; quanto ao chefe do pessoal, foi nomeado pela administração um dos elementos da comissão para assim poder ter menos um elemento muito activo da comissão... a favor deles.

COMB. — Qual terá sido a intenção do patrão ao escolher um elemento da comissão para chefe do pessoal?

A. — Era um elemento activo, quer dizer, o segundo elemento a seguir à presidente e a ideia do patrão seria retirá-lo da comissão para assim poder estar mais ao lado da administração do que ao lado da respectiva comissão.

COMB. — Quantos operários há nesta firma?

A. — No total são aí há volta de 1200 mais ou menos.

COMB. — Qual era a ocupação desses operários antes de existir aqui a fábrica? Trabalhavam no campo, ou noutras profissões?

A. — A ocupação deles era de vários ofícios: uns trabalhavam no campo, outros trabalhavam noutros ofícios, aprendizes talvez de carpinteiro, outras aprendizes de costureira... os restantes são mais ou menos profissionais. Pode-se dizer que 90% são raparigas aí com 14 anos que ajudam os pais no campo; 18 a 20%, os profissionais, são os alfaiates, são os controladores. Quanto aos empregados de cozinha trabalhavam no campo e alguns continuam a trabalhar...

COMB. — Qual a vantagem das pessoas que trabalhavam no campo virem trabalhar para aqui?

A. — Eu acho que a única vantagem na ideia deles seria vir para aqui procurar aprender talvez esta profissão de confecção...

COMB. — As pessoas ao virem trabalhar para a fábrica seriam mais bem pagas?

A. — Eu nesse ponto acho que talvez não, porque o ordenado nessa altura em que elas vieram para aqui era baixo e talvez no campo seria um bocadito mais bem pago. O que eles procuram aqui é talvez uma independência, talvez de trabalharem independente de casas delas, da terra delas e... é esta a minha ideia...

B. — Eu gostava de dizer que nós viemos para aqui para trabalhar... e além disso havia pessoas que pediam, no princípio da fábrica quando ela foi construída para se trabalhar, queriam pessoal não é, e metiam pessoal de qualquer das maneiras... se tivesse exame da 4.ª já entrava, nem procuravam se sabiam trabalhar se não sabiam. Eles cá nós iam metendo; nós chegámos cá, faziam de nós o que queriam, ensinaram-nos à força de gritos e como é que hei-de dizer...

COMB. — Então o ambiente da fábrica era insuportável...

B. — Era, e além disso... nós viemos para aqui e fomos aguentando, porque no campo... nós aqui ganhávamos o máximo 3560 à hora, mas no campo por sua vez ainda ganhávamos menos e além disso sujeitámo-nos a vir para esta firma.

COMB. — Vocês tinham falado que as outras encarregadas não eram correctas para com o chefe do pessoal. O que é que se passou acerca disso?

A. — O chefe do pessoal era bastante correcto para com elas, o que elas é que não eram com ele porque eram talvez coagidas por essa dita chefe-geral que era a D. Mariana.

C. — Nesse aspecto de falta de correcção por parte das encarregadas não há dúvida que o chefe do pessoal procurou sempre ser educado e correcto, e proceder nos conflitos que iam surgindo de uma maneira correcta. Quando havia um problema qualquer, eu ouvia a encarregada e depois ia ouvir a versão da



trabalhadora atingida; se as versões não correspondiam, eu depois tinha que ouvir testemunhas. As encarregadas por sua vez não estavam habituadas a esse sistema de trabalho, porque quando acusavam uma moça trabalhadora, acusavam-na portanto à dita D. Mariana, ela imediatamente chamava a moça e participava-lhe que ela estava castigada. Quando a moça ia começar a falar para explicar o que se passava, ela mandava-a calar e chamava-lhe «malcriada». Portanto elas estavam habituadas, mesmo sem competência nem qualidades de chefia a imporem-se. Quando eu introduzi essa nova maneira de actuar, portanto ouvindo as duas partes e num caso de emergência ouvindo testemunhas, pois elas imediatamente iam transmitir à entidade patronal que eu estava a ser parcial e que não lhes estava a dar apoio. Isso foi um facto que desde o início se verificou e essa maneira de actuar claro que também era influenciada pela administração que tinha interesse em que as coisas corresse mal não só para poderem dizer publicamente que a D. Mariana fazia muita falta cá na empresa, como também que o novo chefe do pessoal que era do agrado dos trabalhadores mas que era incompetente, que criava um mau ambiente dentro da empresa que desacreditava as encarregadas e outras coisas mais. Além disso essas encarregadas, a maior parte delas continuavam a ter reuniões particulares em casa da D. Maria, que continua ainda a receber 23.000\$00 mensais... Portanto era claro que continuava a agradar à administração e ia fazendo a sua campanha. Ora isso, foi o que eu disse e aliás a comissão também entendia, enquanto esse problema não se resolvesse decisivamente, enquanto ela continuasse suspensa à espera de um inquérito, havia sempre uma hipótese de ela voltar; e as encarregadas serviam-se dessa vaga hipótese para fazer pressão sobre as trabalhadoras e dizer, pois vocês agora andam aí a armarem-se mas a D. Mariana um dia vem, põe-vos os pés na cabeça e depois vocês nunca mais são ninguém. Isso influenciava bastante as trabalhadoras que continuavam a ter um certo receio e dava o apoio às encarregadas para cortar, para dizerem mal do chefe do pessoal e causarem-lhe problemas, inclusivamente causavam problemas também na produção; por exemplo, junta-

vam-se em grupos às vezes e deixavam correr a linha de fabrico; acontecia qualquer problema e portanto atrasava-se a produção, imaginemos as calças que se juntavam. Uma moça era portanto capaz de estar 10 minutos sem ter que fazer e de repente via-se com um monte de calças à beira dela e procurava dar o máximo... eu via algumas que não iam aos intervalos para despachar. Entretanto a encarregada estava na conversa e quando vinha pela linha de fabrico abaixo via que uma moça tinha um monte de calças; e claro nem procurava saber a razão, virava-se a discutir com a moça e era capaz até de a tratar mal; ora a moça, cansada e depois de ver que a encarregada tinha estado na conversa, até explodia... e acontecia que a encarregada ia exigir uma punição para a «má criação», dizia ela, dessa moça. Ora claro que eu não podia concordar com isso... e isto um dos pequenos pontos da questão.

COMB. — As operárias foram vítimas de despedimentos?

C. — Os despedimentos depois do 25 de Abril praticamente terminaram, quer dizer, houve uns três despedimentos com justa causa. Houve no entanto tentativas de despedimentos por parte da administração que os trabalhadores não consentiram, dois deles eram membros da comissão sindical; a administração fez tudo para os despedir. Agora aconteceu mais dois despedimentos, portanto na altura a administração despediu mesmo duas moças, uma delas grávida. E portanto isso foi um dos factores também mais decisivos para este agravamento da situação que levou agora à paralisação do trabalho, por quanto a comissão sindical e os trabalhadores não consentiram mais uma vez esses despedimentos injustos.

COMB. — Qual vos parece ser a melhor forma de luta face aos despedimentos que está a haver em todo o País?

A. — Eu acho que a melhor forma de luta contra os despedimentos é todos os trabalhadores juntos colaborarem para que isso não aconteça e lutarem contra a reacção dos patrões capitalistas.

D. — Quanto aos despedimentos eu acho que havia de haver por parte vá lá do Governo, não é, portanto do Ministério do Trabalho, uma fiscalização rigorosa para proteger o trabalhador da entidade patronal porque eles... uma vez



que eles querem virar outra vez para o fascismo e querem fazer a complicação no País e então vá lá fecham as empresas dizendo que não têm encomendas que é para fecharem o capital que é para não haver trabalho.

C. — Portanto, havia de haver uma fiscalização mais rigorosa por parte do Ministério do Trabalho.

E. — Acho que aquele senhor falou bem. Que não havia de haver despedimentos sem justa causa e que haviam de apoiar o novo Governo para que isso não acontecesse. Aqui na fábrica tenho sido assim um bocadito vítima de... portanto as minhas colegas do escritório não colaboraram com o pessoal; só eu e uma colega minha que somos da secção do pessoal e verificámos, quando estava cá a D. Mariana, haviam bastantes despedimentos e ela era muito brusca com o pessoal, e...

COMB. — Há portanto empregados de escritório que estão solidários com os restantes trabalhadores?

E. — Sim, mas somos só duas; nós somos da secção do pessoal e realmente vemos os problemas que o pessoal tem, não é, e somos por elas. Agora as outras minhas colegas de escritório é que criam bastantes rivalidades com nós, como inclusivé no outro dia houve uma reunião do escritório, todos os empregados do escritório foram menos nós as duas;

não nos foi comunicada essa reunião. Ontem quando fecharam portanto as instalações do escritório todos foram embora, a nós não nos disseram absolutamente nada... quer dizer, se nós tivéssemos visto pela janela o pessoal ficávamos lá dentro metidas porque não nos comunicaram. Portanto, quer dizer as outras minhas colegas de escritório é que estão mesmo a criar rivalidades entre o pessoal.

COMB. — Verifica-se aqui que uma encarregada ganha 23.000\$00 e que há operárias que não chegam a ganhar o salário mínimo. Que pensam acerca dessa diferença de salário?

A. — Eu podia dizer que o operário devia ser um bocadito mais remunerado e essa encarregada um pouco mais abaixo para haver uma igualdade mais ou menos.

COMB. — Acha que os encarregados, chefes de pessoal, encarregada-geral, têm os mesmos problemas em casa que os operários?

A. — Eu acho que sim; deviam ter melhores condições de vivência tanto as encarregadas como as operárias... eu acho que são todos iguais.

B. — Pois, uma encarregada que ganha 6000\$00, outras 7000\$00 e mais... e nós a trabalhar viradas para as máquinas que nem para trás nos deixam olhar e ganhamos 3300\$00!

D. — Há pessoas que ganham mais umas de que as outras e isso é uma injustiça, na medida em que, vá lá a classe trabalhadora, as operárias, trabalham muito, são maltratadas por essas mesmas encarregadas e ganham pouquíssimo à vista delas; portanto, as encarregadas ganham 7000\$00 e tal, e as operárias algumas nem a 3300\$00 chegam, nem ao salário mínimo chegam... isso é uma injustiça. Quer dizer, estes ordenados aqui foram feitos por simpatia do patrão, e ele pôs e dispôs como quis, não olhou a nada, quer dizer é um miserável.

COMB. — Qual a posição do sindicato face à vossa luta e às vossas reivindicações?

A. — O sindicato apoia totalmente a nossa luta e quanto às nossas reivindicações, eu acho que não estão um pouco justas que devia ser trabalho igual, ordenado igual; mas ainda não estão bem iguais, umas ganham menos do que outras e fazem o mesmo trabalho, portanto devia ser trabalho igual salário igual, conforme o Governo assim exige...

COMB. — Quais são os pontos do vosso caderno reivindicativo?

A. — Exigimos salário mínimo para todas as operárias dentro da idade delas e do tempo de casa; melhores condições de trabalho, um pouco melhores salários, melhor comida na cantina, melhor ambiente de trabalho na secção de prensas e tem aqui um supermercado queremos um desconto para os operários da mesma firma, queremos um chefe português para nos compreender na fala e nos nos-



so problemas que temos aqui na empresa para que ele atenda esses mesmos problemas e nos compreenda.

COMB. — Ontem disseram na rádio que o Ministério do Trabalho tinha telefonado para o C. com p. à tentar prever possíveis fugas dos patrões da fábrica. O que é que podem dizer sobre isso?

A. — Eu posso dizer que está correcto o Copcon deve-se pôr mesmo em contacto talvez com a comissão e procurar a administração para que ela colabore e dialogue para apresentarmos os pontos reivindicativos para normalizar a situação para voltar-nos todos ao trabalho que é isso que nós queremos. Aliás está

aqui a maioria, 90% dos trabalhadores, e assim o querem e assim o exigem; a administração é que se recusa a isso.

COMB. — A comissão está disposta a dialogar directamente com o patrão ou tem intermediários?

A. — A comissão tem o Ministério do Trabalho, tem os sindicatos e a união dos sindicatos, tudo a apoiar, e a negociação que o Ministério do Trabalho todos os sindicatos fazem é juntamente com essa comissão que irão dialogar com o patrão.

COMB. — Como é que se processou a greve? Quem a decidiu? Como é que fizeram?

A. — A greve realizou-se perante uma recusa da administração da suspensão dessa dita D. Mariana e de uma chefe chamada Beatriz que estava contra o pessoal e ao lado... e essas duas encarregadas estavam ao lado da entidade patronal e estavam contra os trabalhadores... portanto nós não quisemos a greve, o patrão é que a quis porque se negou em muitos pontos reivindicativos e negou-se a dialogar com a comissão.

B. — Eu posso dizer que assinou muitas propostas que ele aceitou e recusou algumas... mais das propostas recusou-se delas.

COMB. — Quer dizer, que aceitou só em parte o caderno reivindicativo?

A. — É isso, recusou-se em muitos pontos e nós não tivemos culpa da greve... recusou-se e recusa-se mediante ainda umas assinaturas que ele fez e que se comprometeu a cumprir e não cumpriu.

COMB. — Como é que se decidiu a greve? Foi uma assembleia de trabalhadores, foi a comissão que decidiu ou como é que foi, como se processou?

B. — Nós fizemos piquetes para que ela não entrasse. Tivemos uma reunião com o chefe do pessoal e com o patrão e o patrão decidiu pôr à vontade dos trabalhadores se queriam a Beatriz ou se queriam o senhor Miguel. Os trabalhadores exigiram que não fosse o senhor Miguel, chefe do pessoal a ir para a rua e que fosse essa dita dona Beatriz. E assim formamos piquetes ao outro dia proposto... os trabalhadores mudados de hora em hora para que o patrão não pudesse castigar ninguém de forma alguma e além disso eram nove e meia no primeiro dia de piquete e eu estava dentro da fábrica e vi o patrão avisar essas encarregadas que estão do lado dele para tirar o número às pessoas que estavam a fazer piquete e às que estavam a trabalhar... talvez que fosse para dar qualquer gorgeta às que estiveram a trabalhar. Mas nós da comissão sindical fizemos uma proposta aos trabalhadores, vós ides ter paciência mas estamos aqui a fazer piquetes para que isto seja... para que o patrão possa provar que isto é uma greve vamos tentar mudar-nos de hora em hora e tudo que corra à melhor maneira para que não vá, para os da Comissão sindical... o patrão ter na dita de dizer que a culpa que será dessa comissão. E nós tentamos... então o patrão não ligou, dizia... só tentava ter reuniões com essas «marianinhas» como nós às vezes lhes chamamos e até que chegou à conclusão que no dia 31 de Dezembro ele queria tudo arruado. Chamou-nos lá acima e não cedia de maneira nenhuma essa Beatriz ir para a rua e nós pusémosse à vontade, pusemos à vontade dizendo se o patrão concordava a ir a votos onde ele por aí deu a cabeça e as raparigas estavam tão forçosa que o amiguinho dele que é o senhor Santos comunicou ao patrão a letra deles e o patrão assinou que sim, que fosse a votos onde que ele... nós ficamos nessa sala que era para que ele não tivesse a dita de dizer

(Continua na pag. 7.)



EDITORIAL

Uma espécie de terrorismo político quer que neste momento todos nos pronunciemos sobre a questão da unicidade sindical, fazendo dela como que a questão fundamental, de vida ou de morte, do futuro dos trabalhadores portugueses. Entre outras coisas, a polémica desencadeada ao nível governamental sobre os sindicatos é, pois, uma manobra de ocultação, uma forma de nos levar a formular os problemas e as relações entre as classes em termos que são os da razão do Estado classista e da sociedade hierárquica.

O «Combate» denuncia esta pseudo-polémica terrorista. Mas isso não nos impede — pelo contrário — de analisar sumariamente os interesses em presença que à custa dos trabalhadores e fazendo deles sua tropa de choque se afrontam tão ruidosamente.

Porém, só saindo dos termos da alternativa dominante — ou unicidade burocrática ou pluralismo liberal — podemos analisar a questão dos sindicatos. Quer dizer: só reconhecendo que a «emancipação dos trabalhadores nada tem a ver com uma ou outra forma das propostas, poderemos não só situar-nos perante os sindicatos como compreender os motivos que levam à divisão, sobre tal matéria, da elite do poder.

Como o «Combate» escrevia no seu editorial passado, o sindicalismo da CGT (central sindical portuguesa, surgida em 1919) foi até à sua queda perante o regime fascista a expressão fundamental do movimento revolucionário dos trabalhadores portugueses. Por outro lado, os sindicatos actuais são hoje instituições de enquadramento da força de trabalho, através das quais, entre outros efeitos, a luta dos explorados é canalizada para formas, como a contratação colectiva por exemplo, que perpetuam o salariato, legitimando-o, e a subordinação dos produtores a um modo de produção que consolida o poder dos seus exploradores — sejam estes capitalistas privados e o Estado burguês, ou o super-Estado burocrático.

Sem nos alargarmos sobre esta evolução dos sindicatos, poderemos caracterizá-la, tirando as respectivas conclusões, da seguinte forma esquemática: o sindicalismo revolucionário da CGT, mais do que em qualquer instituição ou aparelho organizativo, assentava na acção directa dos trabalhadores, acção directa implicando a gestão colectiva da luta e a definição dos seus objectivos de forma autónoma pelos próprios trabalhadores, em vista da dissolução do poder separado do Estado e do sistema do salariato numa formação social comunista — no extremo oposto, os sindicatos actuais são aparelhos e instituições legais, cujo funcionamento implica precisamente o abandono da acção directa dos trabalhadores, a aceitação implícita por estes das relações de produção capitalistas, e impõe formas rígidas de controle à expressão dos interesses dos trabalhadores, de tal modo que esta mesma expressão, no âmbito dos sindicatos, contribui para o reforço da submissão da actividade produtiva à reprodução de uma formação social classista. Assim, os trabalhadores são levados a delegar nos sindicatos, peças do aparelho de Estado no seu sentido amplo, ou, pelo

menos, instituições para-estatais, a resolução dos seus problemas, em vez de os tomarem directa e autonomamente em mãos, levando a sua formulação até às últimas consequências.

Dito isto, poderemos então afirmar desde já que não são os sindicatos que vão libertar os trabalhadores ou contribuir para o derrubamento da opressão capitalista e burocrática. Mas falta-nos ainda resumir uma explicação da querela, espectacularmente apregoada aos quatro ventos de Portugal, sobre a unicidade sindical. Nesta querela, o que acontece é uma guerra de patrões, o que se discute não é o modo de emancipar os trabalhadores, porque o que se disputa é quem vai enquadrá-los. Poder-se-ia ver nesta polémica uma competição incipiente entre os agentes da burocracia de um Estado-patrão, tentando instalar uma ditadura totalitária sobre o proletariado industrial e os serviços, e os adeptos de um regime de dominação mista do aparelho de Estado central e da tecnocracia empresarial, com a subsistência eventual de um leque mais ou menos importante de capitalistas privados. Mas, no plano imediato, não são sequer estas «grandes opções» para a exploração do trabalho o que se discute, discute-se talvez muito simplesmente a existência de uma Intersindical única, em regime de sindicalização forçada, sendo essa Intersindical controlada por quem é de facto, ou a repartição entre mais do que um partido ou grupo de interesses do controle de mais do que uma Intersindical.

Concluindo: a polémica sobre a lei sindical é a tentativa de uma dupla manipulação dos trabalhadores. Em primeiro lugar, tentam fazer-nos crer que é na alternativa entre unicidade imposta por lei e liberdade legal de associação sindical que se joga o futuro ou parte importante do futuro da luta dos trabalhadores pela sua emancipação. Em segundo lugar, «oferecem-se» aos trabalhadores as cadeias legais dos sindicatos — únicos ou plurais — como instrumentos de «luta», quando, como vimos, os sindicatos são precisamente instituições para-estatais destinadas não apenas a limitar o alcance da luta de classes, como, mais ainda, a fazê-la contribuir, sob a forma de energia canalizada, para uma maior dinamização do capitalismo. (É de notar que nenhuma organização política pôs em questão os próprios sindicatos, o que é bastante esclarecedor).

Querirá isto dizer que os trabalhadores não devem, por princípio, lutar dentro dos sindicatos actuais? Não. Quer dizer apenas que tal como nos locais de trabalho e de habitação, que, tal como em toda a parte afinal, a acção revolucionária na esfera sindical terá de operar de modo a fazer explodir pela acção directa o sistema institucional, pois que o único modo de o poder ser exercido a favor dos trabalhadores é serem eles próprios a exercê-lo, destruindo-o como instância separada da sua actividade quotidiana.

Pelas brechas abertas na organização da Família, da Propriedade classista e do Estado, rebentam desde já, nos actos dos que lutam directamente, sem alienação da própria iniciativa em representantes partidários, sindicais ou outros, os germes da revolução comunista.

APELO AOS DESERTORES, REFRACTÁRIOS E ANTICOLONIALISTAS



Do desenhador francês Chaval

Considerando:

- 1.º — que o processo de descolonização está praticamente terminado;
- 2.º — que é indispensável uma definição política do acto de deserção e refracção à guerra colonial;
- 3.º — que a actual lei em vigor, publicada antes do 28 de Setembro e antes do começo efectivo da descolonização, conhecida por Lei de Amnistia aos Desertores e Refractários, explicitamente pressupõe como crime o acto de deserção e refracção à guerra colonial;
- 4.º — que os desertores e refractários, principais interessados no debate para uma solução do problema, não têm, para isso contribuído com a sua opinião publicamente expressa;

5.º — que segundo informações obtidas os poderes constituídos estão empenhados na redacção de uma nova legislação, e que a opinião dos interessados, assumida de uma forma pública, é um contributo indispensável para uma legislação correcta.

APELAMOS a todos os desertores, refractários e anticolonialistas, quer em Portugal, quer no estrangeiro, a manifestarem-se nos órgãos de informação com o fim de contribuírem para uma discussão mais pública, mais clarificadora, do problema da deserção e refracção.

Lisboa, 21-1-75

OS SIGNATARIOS
DA CARTA ABERTA
AO ESTADO-MAIOR GENERAL
DAS FORÇAS ARMADAS

TRABALHADORES EM LUTA

*Folha informativa das reuniões
de trabalhadores inter-empresas*

O DESEMPREGO É UMA CONSEQUÊNCIA
INEVITÁVEL DO SISTEMA CAPITALISTA.
FAZ FALTA AOS TRABALHADORES
DESTRUIR ESTE SISTEMA E CONSTRUIR
UM MUNDO NOVO.

DE TRABALHADORES DA EPACIC

16 JAN 75 N.º 2

(Conclusão da primeira página)

Não são medidas intimidatórias com a lei anti-greve, «lock-out» e outras leis anti-operárias irão travar qualquer forma de luta da classe operária, e a demonstrá-lo estão os trabalhadores de várias empresas, que após a saída destas leis, conseguiram somente ver satisfeitas as suas reivindicações através das greves com a ocupação total dos seus locais de trabalho, de manifestações e outras formas de luta não permitidas pela burguesia.

É indispensável que a classe operária e todos os trabalhadores explorados se unam em torno de mais este problema que os capitalistas lhe levantam em cada dia que passa, arrancando com formas de luta (exemplo: manifestações) e por outro lado, não permitir mais despedimentos e obrigar a reintegração dos camaradas no desemprego.

Há várias semanas em reuniões de inter-empresas, onde normalmente estão representadas cerca de 25 empresas, tem sido verificada a necessidade da classe operária e outros trabalhadores explorados se manifestarem sobre o grave problema que representa a desenfreada onda de despedimentos.

Temos verificado que isoladamente várias empresas em que os efeitos dos despedimentos são mais sentidos se têm manifestado contra os despedimentos. O que a classe operária e todos os trabalhadores explorados têm consciência é de que o desemprego não deverá ser assunto de cada empresa, e que só com a união de todos os explorados se poderá responder firmemente às manobras do capitalismo.

É na rua que as classes exploradas têm que responder às manobras reaccionárias do patronato.

Por isso camaradas, preparemos e organizemos nas fábricas, nos locais de trabalho, nos bairros, uma manifestação que levante todos os trabalhadores em volta da classe operária num forte movimento que em todo o sítio onde haja exploração, onde haja despedimentos, levante a bandeira da luta contra a exploração capitalista, a bandeira da UNIÃO DE TODOS OS EXPLORADOS E OPRIMIDOS contra os monopólios, pela expulsão do imperialismo, pela Democracia Popular, pois só um governo de Operários e Camponeses pode resolver o problema dos despedimentos e todos os males que afligem as largas massas populares.

CAMARADAS!

FORMEMOS DESDE JA COMISSÕES EM TODAS AS FABRICAS QUE EM GRANDES JORNAIS DE PAREDE VÃO DENUNCIANDO TODOS OS CASOS DE DESPEDIMENTOS, TODAS AS MANOBRAS DA BURGUESIA, TODAS AS SABOTAGENS!

CRIEMOS DESDE JA GRUPOS NAS FABRICAS QUE PREPAREM E ORGANIZEM A MANIFESTAÇÃO!

(«Trabalhadores em Luta», suplemento ao n.º 2)

VALURA

311 DESEMPREGADOS

Sindicato dos Contínuos, Porteiros e Profissões Similares

CAMARADAS:

Mais uma manobra da reacção. Deste modo até já forças com responsabilidades de higienização no nosso país se deixaram manobrar por forças ocultas do capital.

E neste caso, Camaradas, a autarquia local, pois é da Câmara Municipal de Lisboa, que se trata, lança no desemprego embora indirectamente 311 trabalhadores, o que neste momento o Sindicato com a sua força de representante na defesa dos interesses económicos dos seus filiados protesta veementemente contra manobras da reacção e boicotes de concessão de trabalho e pão.

Paralelamente, estava o Sindicato confiante, de que era a Câmara Municipal de Lisboa a solucionar o problema do desemprego destes homens, em conformidade com as perspectivas políticas do Governo de Coligação que alertam as empresas para a inconveniência do desemprego nesta hora de recuperação do país na conjuntura sócio-económica. E o que fez a Câmara!

Propôs para a recuperação destes homens no seu trabalho, as seguintes condições:

- Menos de 45 anos de idade e a 3.ª classe.
- Ora, sucede que 60% destes trabalhadores têm mais de 45 anos e só 8 dos 311, têm a 3.ª classe, sendo os restantes analfabetos.

Além disso tentou converter um contrato com condições já deficientes para os custos de vida dos trabalhadores, por outro ainda mais deficitário e até ridículo. Pois oferecer menos dinheiro numa hora em que os bens de consumo se têm agravado, parece política reacção-nária. Mas o que é verdade e dura realidade é que neste momento há cerca de 900 pessoas que dependem dos 311 trabalhadores despedidos, os quais constituem o agregado familiar.

E para a solução da situação caótica destes trabalhadores que unidos marchamos para o Ministério do Trabalho que na pessoa do seu Ministro reclamamos a imediata realocação nos seus postos de trabalho.

Por isso apelamos para três à nossa Manifestação, 5.ª Feira, 30 de Janeiro, 19,30 horas com concentração na Praça do Chile.

Aderiram já à manifestação os seguintes Sindicatos:

- OPERÁRIOS QUÍMICOS VESTUÁRIO E TÊXTEIS DO SUL OURIVES DE LISBOA
- CAPITÃES E OFICIAIS NAUTICOS

16 JAN 75 N.º 2

TRABALHADORES EM LUTA

Folha informativa das reuniões de trabalhadores inter-empresas

A LUTA NAS EMPRESAS

INFORMAÇÕES SOBRE A HIPAR — Indústrias Metálicas, Lda.

Os trabalhadores da empresa — por que nunca se organizaram — continuam a ser vítimas do fascista Cerqueira, recentemente admitido no clube dos patrões. Antes e depois do 25 de Abril, mesmo depois do 28 de Setembro o «pequeno boss» tem despedido, sem justa causa, operários metalúrgicos, técnicos de desenho e empregados de escritório. Hoje paira sobre os operários nova ameaça de despedimento a curto prazo. Os operários começam a perceber-se das manobras deste renegado ex-camarada que de mediocre trabalhador ascendeu a péssimo gestor e óptimo explorador.

INFORMAÇÕES SOBRE A VERONA

A Fábrica de Indústria de Confecções com Tecelagem e Tinturaria, tem cerca de 300 operários, na sua maioria mulheres. Até ao 25 de Abril houve pequenas paralizações de trabalho, de protesto contra as atitudes repressivas das mestras e chefes, mas que logo eram reprimidas, não se obtendo qualquer resultado positivo. A repressão sobre as operárias era constante, e os castigos e despedimentos sobre as que se revoltavam eram frequentes.

FÁBRICA PORTUGAL

As negociações do caderno reivindicativo apresentado pelos trabalhadores em Maio, estão agora a cargo de uma comissão de 5 elementos (três Emp. de Escritório e 2 operários) eleitos na comissão de trabalhadores.

EFACEC/INEL

TRABALHADORES RECUSAM HORAS EXTRAORDINÁRIAS

COMISSÃO DE DEFESA E DIREITO DOS TRABALHADORES

Comunicado N.º 20

No plenário de 4-1-75 os trabalhadores da EFACEC/INEL decidiram por unanimidade:

«QUE SEJA NOVAMENTE RECUSADO FAZER HORAS EXTRAORDINÁRIAS QUER POR OPERÁRIOS, QUER POR TÉCNICOS, QUER POR ADMINISTRATIVOS».

A C. D. D. T., após o plenário foi abordada por diversos técnicos que levantaram a questão de serem responsáveis por determinadas obras que, segundo esses técnicos, só poderiam ser feitas em trabalho extraordinário para o qual pediam o aval da C. D. D. T.

Como o plenário não definiu os casos em que seria aceitável fazer horas extraordinárias, a C. D. D. T. em reunião alargada decidiu:

- 1. — Que em princípio não há quaisquer motivos que levem à feitura de horas extraordinárias.
- 2. — Que a responsabilidade, face à decisão do plenário, de fazer horas extraordinárias é de quem as faz e de quem as ordena.
- 3. — Que os técnicos que julgam absolutamente imprescindível a feitura de horas extraordinárias nas obras da sua responsabilidade, devem fazer uma comunicação escrita à CDDT donde constará, o seu nome, o nome dos operários que localizam e o local onde é efectuado o trabalho, e as razões que levam à sua execução em horas extraordinárias.

Estas comunicações serão publicadas no Jornal da Greve e analisadas nas reuniões da CDDT das 6.ªs feiras a fim de que todos os trabalhadores tenham conhecimento da sua feitura para poderem julgar se se trata ou não de casos absolutamente imprescindíveis, e tomar posição face a essas horas.

Lisboa, 9 de Janeiro de 1975

A. C. D. D. T.

Portanto Camaradas da Fábrica Portuguesa não devemos recuar na nossa posição de acabar com todas as surdas.

A Administração bem como os 6 LACAIOIS que querem continuar a ser esse dinheiro, ao tomarem a posição de enviarem o caso para o Ministério do Trabalho (é de notar que esta atitude foi tomada separadamente) reconhecem que esse ministério defende os seus interesses (Engenheiros saneados de Empresas pelos trabalhadores encontraram trabalho nesse Ministério) e não os dos trabalhadores explorados.

Camaradas os nossos problemas devemos ser nós a resolvê-los e não o «MINISTÉRIO DO TRABALHO».

Achamos que problemas deste género, que dizem respeito a todos os trabalhadores, devem ser resolvidos por todos os trabalhadores, em plenário, e não em gabinetes, embora com espírito democrático.

Para além de tudo o mais, o caderno reivindicativo foi apresentado em Maio de 74, estamos em Janeiro de 75 e ainda decorrem as negociações sem se terem obtido resultados práticos para além daqueles a que o sindicato obrigou, através de um contrato colectivo de trabalho que nessa altura já estava mais que ultrapassado.

«O sr. é eng.º! É intelectual! Não é revolucionário! O sr. é pelo capital! Não é pelo proletariado!»

O sr. quer penetrar no movimento operário para melhor o poder trair! Não tente iludir os operários. Com essa posição pode talvez demorar a evolução da nossa luta, nunca fará a par. A decisão do plenário bem o demonstrou.

O sr. ainda engana alguns camaradas operários, que na sua boa fé ainda pedem para você ser tratado (você um traídor) por camarada.

Mas isto não durará muito, pois você não pode desviar da sua linha o movimento operário.

Tenho cuidado sr. eng., pois que os operários quando descobrem quem os engana não são justos e duros no julgamento e ninguém se irá esquecer das palavras que o sr. eng. disse a alguns de nós no 28 dia da nossa luta: «porque se metes vocês em causas perdidas?». Ora a prática veio demonstrar que a luta era perdida mas para si e para a sua classe.

Os operários, sr. eng., os operários saberão arrancar a máscara à seita em você está integrado.

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

Não será isto uma manobra para desmobilizar os trabalhadores e assim evitar o aparecimento de um novo caderno reivindicativo que venha satisfazer as necessidades mínimas da classe operária ainda mais agravadas com os sucessivos aumentos do custo de vida que se tem verificado ultimamente?

CAMARADAS: Só unidos e organizados em torno dos nossos superiores interesses atingiremos os objectivos que na verdade nos interessam: a derrota total das classes opressoras.



Apresento-vos o nosso Director-Geral de desenho Cheval



A FORNALHA

VOZ DOS TRABALHADORES DA SIDERURGIA NACIONAL

EDITORIAL COMO ESMAGAR OS REACCIONARIOS

Devemos lembrar aos camaradas que muitos inimigos da nossa classe continuam a fazer-se passar por democratas, mas pensando a todo o momento no retorno do fascismo.

E pela acção camaradas, é na nossa luta contra a reacção que obrigaremos os fascistas disfarçados a mostrarem-se e nessa altura será fácil aniquilá-los.

Os trabalhadores revolucionários de várias partes do mundo nas primeiras linhas da luta contra esses lacaios que agrem a burguesia. Poderão ter uma acção muito importante nesta luta, os homens da comissão de trabalhadores, des- de que contribuam para o desenvolvimento do processo de saneamento político da Siderurgia.

Sabemos quanto será difícil aos nos- sos camaradas a obtenção de dados suficientes que possam denunciar as actividades dos fascistas (APF), burocratas (PIDE), legionários, etc, que existiram em grau de número na SN, mas que continuam protegidos pela máquina burguesa que a todo o momento tenta com eles para os utilizar na luta contra os operários.

Ficamos esperando com confiança, que no mais breve tempo possível, façam cair a máscara a esses traidores vendidos.

Entretanto, a FORNALHA, mesmo sem possuir elementos concretos que possam conduzir ao saneamento político desses canalhas, irá denunciando os comportamentos reaccionários de todos os que pela sua acção se mostram ligados ao regime fascista.

Camaradas, apelamos para que nos informem de todos os fascistas vosmos conhecidos, para que sejam desmascarados.

PORA COM OS FASCISTAS! A ELAS CAMARADAS!

por dentro (entende sr. eng. não é verdade?) a luta dos trabalhadores.

Bem o ouvimos sr. eng. Bem o ouvimos dizer que em todas as revoluções socialistas houve intelectuais que pelas participaram e até com acção bem preponderante. No entanto sr. eng., esses homens eram revolucionários: MARX, ENGLÉS, LENINE, ESTALINE, ENVER HOXHA, etc., durante toda a sua vida fizeram avançar e não retroceder o movimento operário com o sr. tenta fazer. Esses revolucionários sempre venceram o conteúdo político das lutas que os operários levavam a cabo e nunca tentaram desmascará-lo como fazem você e os da sua laia.

Esses homens revolucionários sempre demarcaram as barreiras da luta de classes e nunca tentaram apaga-las, enquanto você, sr. eng., faz de bombeiro da burguesia.

O sr. é eng.º! É intelectual! Não é revolucionário! O sr. é pelo capital! Não é pelo proletariado!

O sr. quer penetrar no movimento operário para melhor o poder trair! Não tente iludir os operários. Com essa posição pode talvez demorar a evolução da nossa luta, nunca fará a par. A decisão do plenário bem o demonstrou.

O sr. ainda engana alguns camaradas operários, que na sua boa fé ainda pedem para você ser tratado (você um traídor) por camarada.

Mas isto não durará muito, pois você não pode desviar da sua linha o movimento operário.

Tenho cuidado sr. eng., pois que os operários quando descobrem quem os engana não são justos e duros no julgamento e ninguém se irá esquecer das palavras que o sr. eng. disse a alguns de nós no 28 dia da nossa luta: «porque se metes vocês em causas perdidas?». Ora a prática veio demonstrar que a luta era perdida mas para si e para a sua classe.

Os operários, sr. eng., os operários saberão arrancar a máscara à seita em você está integrado.

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

SOUSA MARQUES: QUEM O FAZ CORRER?

Quem é você sr. eng.?

«Quem é você e a que pretende enganar? Você que no passado dia 17/12/74, se pleno plenário de trabalhadores, disse achar Justa a luta dos operários da SN e estar com ela, momentos depois apresentou uma proposta previamente forjada, que desmentiu esse absoluto aquilo que verbalmente dizia apoiar.»

Sr. sr. eng., aquela história do sr. eng. apoiar a luta dos trabalhadores foi só conversa, pois que na prática (e isso é que conta) apenas pretendia reduzir a zero a posição assumida pelos trabalhadores. A sua proposta punha para e simples entre os trabalhadores fora de qualquer luta, na medida em que ela se resumia em lançar um apelo aos beneficiários do envelope-matério par. que dele abdicassem, em favor da Interindustrial.

E qual era o papel dos trabalhadores no meio de tudo isto? Sr., qual era o papel? Nemhum, não é verdade, sr. eng.?

Não é verdade que a sua intenção era anular a posição dos operários no decorrer do processo?

Claro que não! Você bem o sabe! Não bem o sabemos! Mas porquê sr. eng.? Isso todos nós sabemos e você melhor do que ninguém!

Você como elemento que é de uma classe se altamente beneficiada pelo capitalismo, pretende, quando muito, passar de empregado a patrão, nunca lutar contra eles, daí tentar por todos os meios boicotar

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

«Camaradas, que vamos fazer a este fantoche?... Desmascará-lo não nos chega. Mas também não estamos a pensar o mesmo do sr. eng. que o homem dentro do convertido, era capaz de estragar a carga total, e lá se iam a economia nacional e as coresas do sr. Champalimaud.»

NEFIL

OS TRABALHADORES VENDEM DIRECTAMENTE O PRODUTO DO TRABALHO

COMUNICADO DOS TRABALHADORES DA «NEFIL» A TODOS OS TRABALHADORES DO PAIS

(Empresa do grupo Nefil I. C. que inclui também a Decorama, Habitat 2002 e Confortábil)

Face à deturpação contida no comunicado da entidade patronal nos jornais diários do Porto de 14-1-75 em relação à justa luta dos trabalhadores da Nefil, decidiram os mesmos trabalhadores, em assembleia esclarecerem a verdade dos factos.

O despedimento de um nosso camarada no dia 9-12-74 sem justa causa marcou o início da nossa luta. Face a esta suja atitude da administração, os trabalhadores responderam imediatamente com a paralização do trabalho na tarde do dia seguinte exigindo a sua imediata readmissão deste camarada o que foi conseguido.

Face a esta demonstração de força e unidade da classe trabalhadora anti-fascista, a administração tentou desde logo e por todos os meios dividir os trabalhadores e isolar a sua Comissão livremente eleita em assembleia de trabalhadores, utilizando processos anti-democráticos à laia do passado.

Surgiu assim o caso MAQUINA AVARIADA.

Face à notícia publicada em jornal diário acerca de uma queixa apresentada à P. S. P. por um elemento da gerência acusando os operários de terem propostamente danificado uma máquina de trabalho querendo demonstrar com tal queixa que os operários da Nefil eram sabotadores económicos.

Os trabalhadores perante tal infâmia reuniram em assembleia geral de trabalhadores onde foi aprovado unanimemente que tal publicação fosse desmentida e que a queixa fosse alterada no sentido de incluírem não só os trabalhadores como também a própria administração, resultando assim uma queixa contra incertos.

Que fosse apresentado à administração o Caderno Reivindicativo com os seguintes pontos:

- Immediato saneamento de dois gerentes reaccionários;
- Pagamento integral do 13.º mês;

Este grupelho (cerca de 40 indivíduos) — os trabalhadores progressistas são 200 — sem consciência da classe (o grupelho) e manobrados pelo seu explorador à boa maneira pedesca recolhendo assinaturas dos trabalhadores através de contactos individuais.

Um trabalhador de 14 anos de idade foi abordado por um empregado e convidado a entrar para o seu carro a título de lhe dar uma boleia para a fábrica e depois levado para local diferente ao combinado onde o nosso camarada foi coagido a assinar uma declaração na presença do patrão.

Houve agressões físicas a camaradas nossos por parte do en-

carregado-geral e cão de fila do patrão explorador.

Houve também uma emboscada à pedrada a um elemento da C. T. o qual foi socorrido no hospital a ferimentos graves na face. A este mesmo camarada foi-lhe proposta dias antes o soborno de 10 000\$00 por um dos lacaios mais directos do patrão.

Sucedem-se os telefonemas anónimos produto da mais maldosa e requintada imaginação que vão desde a ameaça de raptos de filhos de trabalhadores até às ameaças de agressão dos próprios trabalhadores em autogestão.

Todas estas manobras são porém insuficientes para destruir a nossa unidade e a constatação desse facto parece já afectar as hostes do patrão, directores e restantes lacaios de 2.ª classe; e comprová-lo ao facto de vários encarregados terem desertado do «lado de lá» comparecido na fábrica e feito a sua autocrítica perante a Assembleia de Trabalhadores.

Foi feita uma queixa na P.S.P. contra os trabalhadores por terem ocupado as instalações. A P.S.P. na pessoa do 2.º Comandante coloca-se como mediador nas negociações apoiado nos sete Sindicatos implicados e no Ministério do Trabalho. Após a concordância dos trabalhadores em que as negociações fossem realizadas nas instalações da fábrica a administração negou-se. Sugerida que foi posteriormente a Sede do Sindicato dos Marceneiros e novamente o patronato se recusou alegando que o meio-lhe era hostil e não depositava confiança na segurança que a própria P.S.P. lhe garantia. Então os trabalhadores avançaram novamente que tal reunião fosse realizada no próprio Comando da P.S.P.

Nesta reunião, com a presença dos Sindicatos, Ministério do Trabalho, 2.º Comandante da P.S.P., Comissão de Trabalhadores e administração. Ao fim de várias horas de conversações foi proposta pelo M.T. e Sindicatos à entidade patronal que fosse feito um inquérito aos saneados, e que no decurso desse inquérito fossem suspensos. As razões desse saneamento fundamentam-se nos seus actos arbitrários e desuma-

dos comprovados por 138 queixas coligadas numa Assembleia de Trabalhadores no espaço de 1 hora.

A Comissão de Trabalhadores concordou, mas mais uma vez a administração não aceitou a sua decisão porque queria que os dois directores tivessem possibilidades de continuar no dia-a-dia a pressionar, a subornar os trabalhadores a fim de falsear os resultados do inquérito.

Ficou assinalado que quer os Sindicatos, quer o Ministério do Trabalho responsabilizaram a administração pelo que viesse a acontecer.

E a partir daqui e findo o prazo para as negociações do caderno reivindicativo que os trabalhadores em Assembleia Geral decidiram informar o Governo Povoário através do Ministério do Trabalho, Movimento das Forças Armadas, Sindicatos, Polícia de Segurança Pública e administração de que:

- 1) Entrariam em sistema de autogestão dada a impossibilidade de diálogo imposta pelo patrão;
- 2) Não foi efectuado o pagamento da metade do subsídio de Natal;
- 3) Não foi efectuado o pagamento do saído do mês de Dezembro até à data de hoje;
- 4) A necessidade imediata de sobreviver dos trabalhadores leva-os a iniciar o trabalho e com o seu produto pagar-se dos salários;
- 5) Apela para o apoio de todos no sentido de comprar os produtos pelo que poderão fazer encomendas directas na fábrica.

IMPORTEANTE DENUNCIA-SE A ESCANDALOSA TENTATIVA POR PARTE DO PATRAO DE QUERER SANEAR OS TRABALHADORES QUE MAIS SE TEM NOTABILIZADO NESTA JUSTA LUTA, EXPRESSÃO BEM EVIDENTE DA POSIÇÃO POLITICA REACCIONARIA E FASCISTA DO PATRAO.

15/Jan/75 A COMISSAO DOS TRABALHADORES

1. A ORGANIZAÇÃO DA LUTA

Entrevista com dois trabalhadores da NEFIL — Gondomar; Porto realizada em 22 de Janeiro de 1975.

COMBATE — O comunicado publicado junto «COMUNICADO DOS TRABALHADORES DA «NEFIL» A TODOS OS TRABALHADORES DO PAIS», relata o que se passou até 15 de Janeiro. Poderão dizer agora o que se tem passado desde aí?

TRABALHADOR A — Neste momento estamos bastante dificuldades devido a estarmos inseridos num sistema capitalista. Portanto a partir do momento em que entramos em autogestão as empresas capitalistas travam-nos todo o processo de luta, não nos dão possibilidades de sobrevivermos, isto é, não nos fornecerá material e por isso mesmo estamos a precaver-nos contra todos estes aspectos. Penso e aliás estou convencidíssimo que a nossa luta irá para a frente e isto também é um facto para convencer todos os trabalhadores do país que neste momento se devem unir e consciencializar de que as lutas dos trabalhadores devem exactamente seguir para a frente e nunca para trás.

TRAB. A — Como é que tomam as decisões? Reunem os trabalhadores todos?

TRAB. B — São trabalhadores, não são bem operários.

COMBATE — Um dos problemas que se deve levantar, e aparecem trabalhadores a levantá-lo é de que uma das causas do alheamento dos trabalhadores em relação à sua própria luta, é o de delegarem num grupo restrito de pessoas as tarefas e as decisões. A vossa Comissão foi eleita, mas pode ou não, a todo o momento, ser revogado e substituído qualquer dos seus elementos?

TRAB. B — Exactamente. A gente funciona assim.

COMBATE — Já aconteceu isso cá. COMBATE — Já, depois de ter começado a ocupação?

TRAB. A — Já.

TRAB. B — Tem sido alterados os elementos da Comissão.

COMBATE — E quem é que decide isso?

TRAB. A — Os trabalhadores em Assembleia.

TRAB. B — Sempre que surgiram elementos mais combativos, que com o decorrer da luta se mostravam mais activos, mais conscientes, iam substituir outros elementos da Comissão.

COMBATE — Quantas pessoas tem esse Comité Coordenador?

TRAB. B — Três.

COMBATE — E depois apresenta-se à Assembleia?

TRAB. B — A Assembleia, sempre.

COMBATE — Essas reuniões são periódicas ou realizam-se sempre que surge um problema?

</

TABOPAN (METALÚRGICOS)—ALVES & C.A—OFICINAS ALBERTO MARINHO

AMARANTE

CONCLUSÃO

«DEVEMOS LUTAR POR UM SALARIO IGUAL PARA TODOS, SEJA HOMEM OU MULHER»

Um operário (Alves & C.) — Há uma coisa que há bocado me esqueci de dizer. É que os marceneiros não acreditam muito no sindicato devido ao contrato colectivo de trabalho ser diferente do dos metalúrgicos e de outros, mas principalmente do dos metalúrgicos. Por exemplo, enquanto um metalúrgico tem de ordenado mínimo parece que 4500\$00 o dos marceneiros é de 3300\$00 enquanto um oficial de 1.º marceneiro ganha (ou vai ganhar) 5800\$00, um metalúrgico ganha 6100\$00. Há aí uma diferença... eles acham que os ordenados deviam ser todos iguais. Eu acho que um marceneiro devia ter o mesmo ordenado que um metalúrgico. A gente, julho eu, comemos todos por igual e precisamos de viver por igual. Isto é evitar por exemplo, que um metalúrgico muda para uma firma de marcenaria, porque um metalúrgico estando a ganhar 4500\$00 não vai mudar para ganhar 3300\$00, ora são obrigados a não sair. Acho que esse é um dos pontos que levam os marceneiros a não acreditar no sindicato, não é... acho que os contratos devem ser iguais, seja qual for a sua arte.

Um operário — E devemos lutar por um salário igual para todos, seja homem ou mulher. Devemos lutar por isso tudo. Um operário (A. Marinho) — Uma coisa, por exemplo um indivíduo que saia de uma firma por exemplo do ramo metalúrgico para outra podem-lhe diminuir a categoria?

Um operário — Podem.

Um operário (Alves & C.) — Isso é mais uma coisa que está mal feita, se um operário numa oficina é oficial de 1.º eu acho que só ao mudar de firma não vai desaperder, não é... Devemos lutar contra isso; por exemplo por eu mudar da firma onde trabalho para o Abreu não vou desaperder, acho isso...

Um operário — Lutando por um salário igual as categorias já acabam. Se eu saísse do A. Marinho e fosse para o Matias e o salário fosse igual tanto me fazia ser de 3.º como de 1.º ou fosse lá o que fosse... fosse lá ajudante de torno ou serralheiro: ia ganhar o mesmo ordenado. Eu gostava de sair da produção de serralheiro que até não gosto nada; não saio, sou obrigado a trabalhar nela porque me dá mais dinheiro. Se eu pudesse sair dela, ia para marceneiro que gosto mais; não saio porque me dá mais dinheiro. Assim nós somos obrigados a entrar naquela profissão e a não sair dali, nem para serralheiro, serralheiro... não, dá a mesma coisa mas por exemplo, se um torneiro mecânico quisesse trabalhar em torneiro de peças já ganhava menos. E o torneiro de peças ou o torneiro de série se quiser ir trabalhar para torneiro mecânico vai ganhar mais dinheiro e ele põe um torneiro de série a trabalhar como torneiro mecânico porque ganha menos dinheiro e eles fogem a isso... a lei protege-os.

Outro operário (A. Marinho) — Ele tinha todo como torneiro de peças ali, e ali não há nenhum torneiro de peças.

Um operário — São todos torneiros de peças, qualquer coisa que se faça, um parafuso, é uma peça!... São todos torneiros de peças!

Outro operário (A. Marinho) — Torneiros de peças em série...

Um operário — Mas só há um torno de peças, é o revólver...

Outro operário (A. Marinho) — Mas não está a fazer peças em série.

Um operário — Mas esse é o único torno que pode trabalhar em série, mais

nenhum pode. Os tornos Universais fazem todo o género de peças que aparecem.

Outro operário (A. Marinho) — O Ministério do Trabalho pôs tudo como torneiro mecânico também.

Um operário — Vocês são capazes de não saber, ou saber e não ter dado fé, que antes do 25 de Abril o nosso sindicato lutava por um salário mínimo de 6000\$00 e depois do 25 de Abril passou para 4500\$00. Porquê? Nós fomos perguntar ao sindicato e eles dizem que... que a economia nacional está em crise; ora nós também sofremos com ela, nós não podemos sofrer mais do que o que sofremos. Sofremos sempre, não podemos sofrer mais do que isto.

Um outro operário (A. Marinho) — E não temos nada a perder...

Um operário — A economia nacional não é nossa, a economia nacional é a economia capitalista. Porque é que eles abandonaram a luta dos seis mil escudos e vieram para quatro mil e quinhentos escudos? A meu ver, parece que o sindicato dos metalúrgicos é dominado pelo P.C., não é...

Outro operário (A. Marinho) — Pois, é isso...

Um operário — E portanto, como eles tem lá um indivíduo no governo, lá o «secretário-geral» ou «chefes» ou lá o que é, parece que não era conveniente reivindicarem um salário de 6000\$00 enquanto tinham lá um indivíduo no governo, que dizia que isso levaria as firmas à falência, que as firmas não podiam pagar, que essa coisa toda... Portanto eles foram obrigados a lutar pelo salário de 4500\$00, não é, obrigados mesmo... Nós nunca lhe pedimos contas por isso, nós metalúrgicos nunca pedimos contas ao sindicato porque é que baixou de 6000\$00 para 4500\$00.

COMB — Já que se falou em partidos, qual é a vossa opinião sobre o que os partidos da coligação (e não só) dizem a respeito das greves da TAP, CTT,

LISNAVE, PANIFICAÇÃO, etc.: que estas são manobras pela reacção.

Outro operário (A. Marinho) — Acho que essas greves que «foram comandadas», como eles dizem, pela reacção não é nada verdade. Acho que essas é que são as verdadeiras lutas e é assim como se deve lutar... assim como fazer uma greve acho que é a melhor maneira. Eles dizem que é a reacção, porque vê-se mesmo que é um governo que ainda é o mesmo... é um governo capitalista, que diz que é a reacção porque isso está a prejudicá-los. É isso a minha maneira de ver porque é que eles dizem isso.

Um operário (A. Marinho) — Eles dizem que é a reacção, mas acho que os indivíduos que tomaram parte nessas greves é porque acharam que elas eram realmente justas.

Um operário — Pois é, mas como eles têm todos os meios de informação ao dispor deles, querem-nos fazer ver a nós que aquelas greves não são lutas para melhores salários, embora eles dissessem

Esta mesa-redonda em que participaram 7 operários de várias empresas começou a ser publicado no n.º 14 do COMBATE, continuando no n.º 15 e concluindo neste. No número anterior discutiu-se o desemprego e formas de os operários lutarem contra ele; o problema da organização autónoma dos trabalhadores ao nível de empresa, e a sua ligação com os sindicatos e partidos.

isso na TAP. Parece que puseram lá o caderno reivindicativo que não correspondia à verdade, parece que puseram nos jornais uns salários disparatados mesmo — diziam 17 000\$00 e não sei quantos mais; parece que eles até nem lutavam por isso, não sei se será verdade... Até a reacção é tratada de uma maneira diferente dos trabalhadores. Nós vimos no 28 de Setembro, era a reacção, não é, como eles dizem — como muitos de nós não sabem o que é a reacção — a reacção foi tratada pelas armas, pela força das armas, saíram para a rua com as armas... e eles quando vão para uma greve — só na TAP, que era um caso muito grande, não é, é que eles foram lá com armas, mas nas outras partes não — não tratam os problemas dentro da fábrica com a reacção. Embora eles digam que é a reacção, na prática a gente vê que isso não é verdade, que eles mandam lá um delegado do governo conferenciar com os trabalhadores e propor acordos; eles com a reacção não fazem acordos, como eles dizem, a única forma é metê-los na cadeia. Na TAP eles usaram as armas por ver que não podiam mesmo controlar a greve. A única forma de controlar era passar aquilo ao foro militar, portanto às leis militares; os trabalhadores que lá trabalhavam estiveram debaixo da disciplina militar, do RDM, e essa coisa toda. Porque isso dava prejuízo à nação — deles... não é nossa!

COMB — Qual a vossa posição quanto a isso?

Outro operário (A. Marinho) — A nossa posição é de apoio, inteiramente de apoio, acho que...

Um operário — Acho que devem ser um exemplo para nós as greves da MABOR, CTT, TAP; de todas essas greves devemos colher informações. Como vocês disseram o «COMBATE» tem por função ligar os trabalhadores, nós devíamos entrar em contacto com esses trabalhadores, que tiveram essas experiências e que nos ensinam alguma coisa do que fizeram para que nós possamos pôr em prática aqui também nos nossos locais de trabalho; isso é que era importante.

CAMODA: DIZEM NÃO AOS DESPEDIMENTOS. NÃO

(Continuação da pág. 1)

No fim do ano a nossa Comissão foi ao Ministério do Trabalho e a «madames» responsabilizou-se perante o Ministério de como nós, a partir da terceira semana de Janeiro ficaríamos a trabalhar os seis dias e, com respeito ao 13.º mês comprometeu-se a pagá-lo no dia 15 de Fevereiro. Agora não posso dizer o que venha a acontecer até Fevereiro, mas sei dizer que, há cerca de oito dias, ela despediu uma colega da Comissão, o que não foi aceite por nós. No dia seguinte convocou-me a mim e a mais duas colegas para irmos ao escritório falar com ela e todas as colegas disseram «não senhora, elas daqui não sabem porque o problema é de todas e queremos falar aqui, na secção». Como não fomos, então disse que me despedia a mim e mais duas colegas porque éramos malcriadas e revolucionárias. Virei-me para ela e pergunté-lhe: «madames, qual é o problema para nos chamar revolucionárias? E por a «madame» chegar aqui à secção e dizer que não há dinheiro e nós dizemos que não podemos ir para casa sem dinheiro?»

A primeira colega que foi despedida era acusada de revoltar o pessoal e nós não consentimos isso. Ela já não queria deixá-la entrar ao serviço e nós, como colegas, não consentimos os despedimentos e, então, ela despediu todo o pessoal.

— Quando é que isso aconteceu?
— Foi no dia 1.
— Qual foi a vossa atitude perante o despedimento colectivo?
Estávamos ali à porta e ela não nos queria deixar entrar e, então, nós dissemos: se estamos todas despedidas, te-

mos de defender a nossa casa e desde aí temos cá ficado sempre, o que tem sido a revolta dela porque não nos quer ver cá dentro.

Mas, depois, retirou os despedimentos para poder abrir falência judicial. En-

Comunicado da Comissão Trabalhadores da CAMODA, LDA.

A todos os trabalhadores

As operárias da CAMODA, vestuário moderno, Lda. vem por este meio comunicar a sua LUTA dentro da Fábrica.

Operários e Camaradas a luta tem sido difícil, mas todas juntas venceremos!

Após o 25 de Abril passámos a 4 dias de trabalho por semana, não havia dinheiro para pagar as férias e todos os trabalhadores, mas enquanto isto se passava a Administradora que é filha do patrão ia para várias viagens de recreio ao estrangeiro.

Temos suportado esta pressão nervosa e agora nem os 4 dias há.

Depois de várias tentativas de despedimento e ofensas pessoais e políticas entrámos em LUTA no dia 10 passado.

Camaradas não consentimos que nenhuma colega fosse despe-

didada, fosse qual fosse, ocupámos a Fábrica e cá estamos todas UNIDAS!

Perante a presença da Inspeção de Trabalho do Ministério, foi dito pela Gerente (patroa) que levantava o despedimento colectivo mas anunciou a falência da Fábrica perante todas... Não há contabilidade em condições, não há nada a justificar tal falência... apenas é um truque que todos os patrões, assim, arranjam sempre...

Operários e População em geral, nós dizemos NÃO aos despedimentos!... NÃO ao encerramento da Fábrica!

Encontramo-nos nesta altura já a fazer piquetas, pois não consentimos que nos levem seja aquilo que for de dentro da Fábrica.

Agora só somos 32 operárias mas temos colegas grávidas, temos também as que têm o marido na tropa, temos ainda aquelas que só unicamente com o seu ordenado é que sustentam, pois os seus familiares já estão despedidos...

troutanto vem cá o Ministério e ela já dá o dito por não dito, porque ela, ou hoje diz uma coisa e amanhã já diz outra. A partir desse dia nunca mais desocupámos a fábrica. Ela tem-nos dito que não podemos ocupar a fábrica porque podemos roubar alguma coisa e nós

tirar as máquinas e os «stocks» e, assim, asseguram o vosso trabalho?

— Hoje veio cá um tal sr. Frade, que nós nunca tínhamos visto, e, segundo parece, é o fornecedor da fábrica. Vele-

Nós não deixamos que a CAMODA feche!

Temos o direito ao trabalho! Queremos uma peritagem do Ministério do Trabalho urgente cá na Fábrica e a nacionalização da Empresa.

ISTO É A VONTADE DE TODAS AS OPERÁRIAS!

Queremos o direito ao trabalho e o vosso apoio. Operários e Camaradas estamos em LUTA certos de que VENCEREMOS.

NACIONALIZAÇÃO DA CAMODA!

Queremos tecido para fazer a confecção!

Pedimos o apoio de todos! Pois todos precisamos de trabalhar! NÃO A BOICOTAGEM ECONÓMICA!

Avante trabalhadores!... ajudem-nos nesta LUTA!

SIM A NACIONALIZAÇÃO!

Abaxo a Exploração!

Só Unidos VENCEREMOS!

12/1/75

TODAS AS OPERÁRIAS DA CAMODA

lhe deve 4000 contos, queria dizer que tudo o que está dentro da fábrica é dele e nós dissemos que não.

— Qual tem sido a atitude do Ministério perante a vossa situação?

— O Ministério está do nosso lado. Já cá veio umas três vezes, assim como o Sindicato.

— Mas, na prática já fizeram alguma coisa para que a vossa situação seja resolvida?

— Já, já! Estão todos pelo nosso lado e estão todos a resolver o caso.

— Qual é o vosso sindicato?

— É o Sindicato dos Têxteis e Vestuário.

O sr. Frade chegou cá com ar muito importante, quase que nos queria engolir e perguntou-nos se a «madames» nos devia alguma coisa e disse-nos que a «madames» lhe devia 4000 contos, mas ele não tem nada que se nos dirigir porque nós não lhe devemos nada e não temos nada a ver com ele, pois não é o nosso patrão e foi hoje a primeira vez que o vimos. Ele tem que se dirigir a quem lhe deve o dinheiro. E depois ainda nos perguntou se ela nos devia alguma coisa e nós respondemos que sim: deve-nos o subsídio de Natal e há oito meses que nós temos estado a governar com 460\$ semanais e ele, com ar muito importante, disse assim: «não é mau!» E, eu estive para lhe responder: se você se governa com 460\$, eu não me posso governar.

Há outra coisa: na primeira noite que cá dormimos, ou seja, na sexta-feira, ela apareceu no sábado de manhã com uma folha de papel em branco

ALGOT

APELO À UNIÃO DOS TRABALHADORES CONTRA O DESEMPREGO

(Continuação da pág. 2)

que éramos nós que comprávamos os trabalhadores e disse... telefonou para a chefia dessa secção onde trabalhava essa Beatriz e mandou as trabalhadoras para onde nós estávamos para que quem quisesse a Beatriz para o lado dela, quem quisesse o nosso chefe do pessoal que estava demitido por causa dela, que fosse para o lado dele. Ora segundo nos informou o senhor Miguel quando chegou lá dentro, a Beatriz não teve ninguém ao lado dela. Depois passou-se o dia 31. Ela esteve suspensa dois dias. O patrão chegou ao dia 7 e recusou-se a pagar aquelas horas aos trabalhadores, que eles fizeram e lutaram pelo bem dos trabalhadores. Então nós tentamos informar o sindicato, o sindicato veio cá e à entrada do portão foi-lhe fechada a porta por três homens da construção civil que não sabem o que é uma máquina, não sabem o que é uma linha de fabrico, que a vida deles não é estar dentro da fábrica; era cá por fora só andar a pintar daqui para ali, a levar e a trazer...

COMB — Então o patrão manobrou esse trabalhadores para vigiar a fábrica?

A — Exactamente, o patrão manobrou-os à maneira dele e propôs-lhes para eles estarem à entrada da fábrica para impedir a entrada do ministro do Trabalho, dos sindicatos de certos trabalhadores. O que não aconteceu porque os trabalhadores acorreram em massa e expulsaram-nos de lá e assim os sindicatos e Ministério do Trabalho tiveram a entrada livre escoltados por esses trabalhadores até ao gabinete da administração para dialogar com eles o que eles se recusaram. Então nós mantivemos dentro das instalações talvez propostos por ele e assim continuamos a greve.

COMB — Qual a função desses trabalhadores da construção civil aqui na fábrica, e quantos são?

A — São cá empregados efectivos para conservação de obras da fábrica, portanto são trabalhadores aqui da fábrica que se compõem de carpinteiros e tro-lhas; são à volta duns vinte.

COMB — O patrão segundo últimas notícias propôs-se a sair do País com dinheiro da firma, isso confirma-se?

A — Eu acho que ele não quer sair do País, isso talvez é um pouco de boato,

deu-nos a impressão que sim da maneira que ele se... deixou a fábrica entregue a nós e foi para a quinta dele, até porque a fábrica está recheada de tecido e tem muito material cá dentro e tem ainda muitas encomendas para serem feitas e serem mandadas para o estrangeiro.

COMB — Se ele se for mesmo embora o que é que vocês pensam fazer?

A — Eu acho que não lhe posso responder a essa pergunta porque na minha ideia e na de todos os trabalhadores esses patrões não saem do País.

COMB — Mas aconteceu que na Sogantal e na Charminha os patrões também fugiram e os operários tomaram conta da produção e começaram a vender os seus produtos...

A — Mas essa fábrica talvez... é uma fábrica pequena, nem média chega a ser. Tinha à volta de 60 empregados e aqui são mil e duzentos e eu acho que eles não se... eles não devem ter a ideia de abandonar a fábrica, porque tenho a impressão que esta fábrica é que mantém todas as outras que ele tem por esses países fora.

COMB — Se ele for embora os operários daqui tencionam pedir a nacionalização?

A — Eu torno a afirmar que ele não deixará... mas no caso de ele a deixar, uma vez que o Governo já está alertado, talvez seja a minha ideia de ele nacionalizar isto... isto é a minha ideia, não sei mas talvez... Até porque já vieram aqui alguns delegados do Governo e sindicatos e viram as instalações. Mas pela atitude que ele está a tomar acho que ele não está interessado em abandonar a fábrica.

COMB — Não sei se poderiam dizer mais alguma coisa...

A — Sim, eu quero dizer que a fábrica continua em greve, este é o segundo dia, todos os trabalhadores estão unidos na sua maioria e continuamos a tomar conta das instalações e apelo para todos os trabalhadores de Portugal se unirem uns aos outros para que este problema dos despedimentos e do desemprego no País seja mais compreendido e tenham a melhor forma de ser resolvidos tanto para nós como para todos os trabalhadores do País.

CAMARADA

O jornal "Combate" é uma tribuna aberta à livre expressão de todos os trabalhadores em luta. É também um meio pelo qual os trabalhadores podem trocar as suas experiências e aumentarem assim a sua organização autónoma no combate ao capitalismo.

Mao, se grandes são os lutas dos explorados, são fracas as suas necessidades financeiras.

O "Combate", que se apoia somente nos trabalhadores, que não é órgão de nenhuma partido ou grupo político, tem de lutar constantemente pela sua sobrevivência económica.

Se achas que o "Combate" tem a sua razão de ser na luta dos explorados e dos oprimidos, apoia-nos tornando-te assinante e tornando os teus amigos e camaradas.

CAMARADA: COLABORA NA NOSSA CAMPANHA DE ASSINATURAS!

ECOS NO CATUJAL

Recebemos na redacção do "Combate" o n.º 5 do jornal polí-copiado "Ecos do Catujal" — "Jornal dos Bairros", feito por trabalhadores locais. O editorial deste número trata do problema dos partidos políticos que, em Portugal, se propõem como representantes da classe operária, e cuja actividade tem vindo a aumentar à medida que as eleições se aproximam. Sobre esta questão dizem os "Ecos"; em Editorial:

OS PARTIDOS POLITICOS

No nosso número anterior, e também em EDITORIAL falamos

de política, baseando-nos numa palavras ouvidas num estabelecimento.

Pareceu-nos a nós que não respondemos completamente à frase que ouvimos.

Pois, no que diz respeito à parte de partidos, que estas palavras focavam, nós não nos pronunciámos. Daí a nossa ideia de o EDITORIAL deste número ser um complemento do anterior.

Se bem nos recordamos, as palavras ouvidas no tal estabelecimento acrescentavam ainda que: «NAO SEI O QUE SÃO OS PARTIDOS; E PORQUE É QUE HA TANTOS?»...

Os partidos políticos, são organizações políticas que defendem determinada maneira de governar o PAIS: Maneira essa que eles costumam expor num livro ou folheto que distribuem às pessoas, e lhe chamam PROGRAMA do PARTIDO.

Os objectivos de todos os partidos burgueses é arranjar o maior número possível de simpatizantes, chamados também aderentes e militantes, que são aqueles que trabalham para o partido e o divulgam das mais variadas maneiras, para assim, no acto das eleições possam contar com a maioria dos

votos e atingirem o objectivo máximo, a conquista do poder de governar.

É claro que, todos nós sabemos que a maioria da população, é constituída pela classe operária e os camponeses, sabendo eles disso, também sabem que se tiverem o apoio dessa classe podem ganhar o poder. Assim a preocupação de todos os partidos de dizerem que defendem os operários e camponeses.

Quanto a haver muitos, isso é um facto, e há que pôr na nossa mente que a maior parte deles não têm razão de existir, para nós trabalhadores, pois são aqueles que continuam a querer defender as classes privilegiadas, os capitalistas, os burgueses, e toda a canalhada, que pretende viver à conta do suor dos operários e camponeses, os parasitas não morrem, só porque se lhe tira os alimentos, eles procuram sempre novas formas de iludir quem quer que eles morram de fome para conseguirem comer. Ora os capitalistas, os burgueses, em geral, também não querem deixar de um pé para a mão a sua situação de classe dominante, organizam-se em vários partidos, disputando todos o poder e tentando iludir os operários «e camponeses» para conseguirem o «TRONO» e mantê-los como escravos das ambições e da sede do dinheiro.

Nós operários e camponeses, não podemos de maneira nenhuma, só porque agora as eleições são livres

(pois podemos votar em toda a gente) iludir-mo-nos e sermos inconscientes na nossa opção.

Primeiro queremos saber na prática e em acção qual o partido que nos defende sem segundas intenções, e só depois disso, e de termos bem a certeza disto tudo é que podemos decidir.

Só assim poderemos conscientemente escolher os nossos desígnios para uma sociedade justa e humana.

Está provado também que a classe operária e camponesa, só não é explorada se for ela a governar, pois só esta classe sabe defender os seus interesses. Sendo ela como é a maioria, e como só é humanamente justo um governo que governe de acordo com os interesses dessa maioria, só quando houver um governo dos operários e camponeses poderá haver justiça e igualdade para todos.

É por isso que nós operários nos devemos unir aos camponeses, e juntos analisar bem, e vermos concretamente na prática qual o partido que nos defende. Para isso é preciso ver durante algum tempo a acção desses partidos para que não nos deixemos iludir.

Nessa altura e depois de vermos bem na prática qual o partido que defende os operários e camponeses podemos chegar à conclusão que nesta altura ainda não há nenhum que realmente conseguisse provar na prática isso.

NEFIL

OS TRABALHADORES VENDEM A SUA PRODUÇÃO

(Contin. das págs. contras)

assim, aparecem mas não há um apoio activo ou concreto.

O Sindicato dos Marceneiros de certo modo não tem apoiado nem aqui, nem nestas lutas, nem na satisfação de certas vontades dos trabalhadores, nem nos contratos. De certo modo tem atrelado. Os trabalhadores têm reconhecido isso.

COMBATE — Tem recebido apoio de quem?

TRAB. B — Principalmente uma coisa a que a gente tem dado muita importância, e temos actuado nesse sentido, é ao apoio em redor da fábrica, nesta região; as camadas populares apoiam-nos incondicionalmente, fornecem-nos géneros, dinheiros. Inclusive existe aqui um sistema de alarme no caso de haver algum problema com policia ou reacçãoários que tentem invadir isto na hora em que só estão os piquetes. (...) e é o sinal e todos os populares estão prevenidos e apoiam-nos. Temos também o apoio das empresas. Vamos, através de comunicados e piquetes que vão lá divulgar a nossa luta e os trabalhadores têm contribuído apoiando-nos e reco-

lhendo fundos, principalmente nas empresas do ramo, INTERFORMA, JO-MAR. Temos também tido o apoio de jornais, jornais da esquerda, que divulgam a nossa luta e fazem também recolhas de fundos. É o caso, por exemplo, do Jornal do Comité Luta Proletária de Gondomar, da Voz do Po-vo, etc.

Os populares apoiam-nos sempre.

NO PROXIMO NUMERO DISCUTE-SE A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

QUERIA ASSINAR O COMBATE DESDE O N.º _____

1 ano (52 números) — 120\$00; 6 meses (26 números) — 60\$00; apoio (anual) — 200\$00

Para o estrangeiro há que acrescentar os portes do correio

QUERIA VENDER O COMBATE

Junto envio \$ _____

(Todos os cheques e vales devem ser enviados em nome da directora)

COMBATE
AVENIDA SANTOS DUMONT, 48, R/C-D.
LISBOA 4

Nome _____

Morada _____

Profissão _____

(ENVIAMOS OS NUMEROS ANTERIORES A QUEM OS SOLICITAR)

AO ENCERRAMENTO

para a gente assinar. Claro, nós não iam assinar um papel em branco porque o que ela depois ia escrever por detrás, nós não sabemos. Perante o Ministério ela disse que esse papel não tinha importância e foi, então, quando nós dissemos que queríamos a nacionalização da fábrica porque é a única garantia que nós temos. Pedimos também uma peritagem da contabilidade onde ela disse que não havia contabilidade porque a partir de Maio não há contabilista.

— A fábrica é de capitais alemães. Quería saber se a matéria-prima também vem do estrangeiro?

— A matéria-prima é comprada aqui em Portugal e depois de confeccionada vai tudo para a Alemanha, mas o dinheiro não vem. Os lucros ficam lá.

— Vocês ao ocuparem a fábrica não permitem que o patronato retire as máquinas e os stocks de material aqui existentes, o que é um ponto a vosso favor nas negociações com o patronato. De outro modo, se não ocupassem a fábrica, a todo o momento esse material poderia ser retirado e a fábrica encerrada e ficariam sem trabalho?

— Pois, de outro modo não haveria garantias nenhuma de trabalho.

— Quantas operárias é que trabalham aqui?

— Somos 32, mas é uma fábrica com muitas capacidades e há máquinas paradas por falta de pessoal.

— Todo o material que vocês aqui confeccionam é tudo para exportação?

— Sim, é tudo para exportação, mas os tecidos são portugueses. Isto quer dizer que os lucros estão na Alemanha.

— Concretamente quais são as vossas reivindicações?

— Reivindicamos seis dias de trabalho por semana e, muito concretamente, exigimos a garantia ao trabalho.

— Perante esta situação vocês consideram que só a nacionalização da fábrica é que vos pode garantir o trabalho?

— A nacionalização é que é o nosso ideal.

— Como é que se processou a eleição da vossa Comissão de Trabalhadores e quantos elementos é que a formam?

— Foi numa assembleia geral de trabalhadores que se processou a eleição e foram as quatro operárias mais votadas que foram eleitas para a comissão. Devemos dizer que estas quatro colegas merecem a nossa total confiança. Elas são tão honestas, são tão fiáveis que juraram desde o princípio «não aos despedimentos», «não ao encerramento da fábrica» e, ainda ontem no Ministério do Trabalho perante o representante da patroa, uma delas disse que para nos tirarem da fábrica só dentro de um caixa. Nós dizemos não aos despedimentos, não ao encerramento da fábrica.

— Vocês fazem todos os dias reuniões para analisarem a situação e discutirem o que devem fazer?

— Sim. Inclusive ontem só às duas horas da manhã é que podemos fazer a reunião porque só a essa hora é que foi possível reunir todo o pessoal.

DETENIDO SIN ACUSACIONES

Franco Caprino, un emigrante italiano que lleva viviendo 6 años en este país, ha sido arrestado en su casa (North Kensington) algunos días antes de Navidad y se encuentra actualmente en la cárcel de Pentonville.

Quieren deportarlo bajo la acusación del Acto de Emigración 1971.

No ha cometido ningún crimen, sino el de haber trabajado legalmente en organizar los trabajadores emigrantes dentro de la Sección Internacional del T.G.W.U. (Sindicato Nacional) y ayudarles constantemente en darles a conocer sus derechos sociales.

No se le ha comunicado de que está acusado y no se le permite el derecho de defenderse.

El acto de Emigración 1971 hace parte del constante ataque hacia la clase trabajadora.

El Compañero Caprino es la primera víctima de este Acto y seguramente no será la última, por eso tenemos que movilizarnos urgente y rápidamente en contra de este Acto que concierne a cualquiera de nosotros emigrantes.

Telegramas de protesta tienen que ser mandados al Secretario del Home Office.

Piquetes para proteger nuestros derechos e intereses de emigrantes tendrán lugar en el 33 de Ludbroke Square (domicilio de Roy Jenkins) a partir del Jueves 16 hasta el sábado 18 de Enero de 3.30 a 8 de la tarde.

Para más informaciones llamen a Andy : 11 Acklan Road W.11
tel: 969 91 06 (día y tarde)

La deportación de Franco Caprino puede ser antes del 27 de Enero.

TENEMOS POCO TIEMPO PARA IMPEDIRLO..

COMITATO di SOLIDARIETA per FRANCO CAPRINO

SOLIDARIEDADE COM FRANCO CAPRINO

-FRANCO CAPRINO, emigrante italiano, há seis anos em Inglaterra, foi preso em sua casa (North Kensington) alguns dias antes do Natal, encontrando-se actualmente na cadeia de Petonville.

Querem deportá-lo sob a acusação de ter violado a Lei 1971 de Imigração.

Não cometeu nenhum crime, a não ser o ter trabalhado legalmente na organização dos trabalhadores imigrantes na Secção Internacional da T. G. W. O. (Sindicato Nacional) e ajudando-os quotidianamente informando-os dos seus direitos sociais.

Não lhe comunicaram de que era acusado e não lhe é permitido o direito de defesa.

A Lei de Imigração 1971 faz parte do ataque quotidiano à classe operária.

O camarada Caprino é a primeira vítima desta lei e certamente não será a última, por isso temos de nos mobilizar urgente e rapidamente contra esta lei que diz respeito a todos nós emigrantes.

Os telegramas de protesto devem ser enviados ao secretário do Primeiro Ministro (em Portugal podem ser enviados para a embaixada).

A deportação de Franco Caprino poderá ter lugar muito brevemente.

TEMOS POUCO TEMPO PARA A IMPEDIR..

COMITÉ DE SOLIDARIEDADE COM FRANCO CAPRINO

Camaradas: este é um caso, entre muitos outros, prova de que os emigrantes só servem aos países de imigração como força de trabalho não pensante. Solidarizemo-nos activamente com Franco Caprino



FRANÇA: AINDA A GREVE DOS P. T. T.

CARTA DE AMARGURA DOS TRABALHADORES DOS CORREIOS DE PARIS (TRI-EST)

Quarenta e quatro dias de greve, sim, também nós tivemos direito à catástrofe, ao nosso 1953, ao nosso 1968 (duas grandes greves: 22 dias a primeira, 3 semanas a segunda, sabotadas pelos sindicatos). E isto por causa da nossa inconsciência, ou melhor, da crença que tivemos nos nossos representantes sindicais.

Contudo, eramos mais de 200 000 trabalhadores dos PTT, unidos como nunca, carteiros, fiscais, quadros, até mesmo os empregados do ministério, não sindicalizados e sindicalizados, da CGT, da CFDT, da FO ou da CFTEC(*). Eramos, na base, o exemplo da unidade de trabalhadores conscientes da sua exploração e não querendo ser considerados peões, objectos de rentabilidade para as sociedades multinacionais e para o capitalismo em geral; não queríamos continuar a ser sub-pagos.

Todos os trabalhadores tinham os olhos postos em nós, na nossa firme decisão de aguentar até completa satisfação das nossas legítimas reivindicações.

Encorajavam-nos moralmente, financeiramente, e diziam-nos: «Sobretudo não cedam, pois o exemplo da vossa luta levará todos os trabalhadores, quer do Estado, quer do sector privado, a tomarem consciência que esta é também a sua luta e, assim, a juntarem-se a vocês».

Tinhamos orgulho em ser trabalhadores dos Correios em greve! Hoje, tenho vergonha.

Se estou desiludido, não é pelos 45 dias de greve falhada, mas sobretudo por ter desiludido a classe operária.

— E vós, responsáveis pelas federações sindicais, nada vos pesa na consciência?

Estamos hoje longe desse comunicado da CFDT de 12 de Novembro cujo título diz «Devemos ganhar» e que prossegue: «Sim, ganharemos pela nossa unidade, pela nossa luta — a greve continua».

Dizia a CGT a 23 de Outubro: «Ascedida pelos trabalhadores esta greve reivindicações podem ser satisfeitas, a CGT continuará a empregar todos os esforços para que a nossa batalha seja vitoriosa». Ou como dizia F. O. a 2 de Novembro: «Proseguiremos a greve até à satisfação das nossas reivindicações».

Tudo isto eram belas promessas mas, infelizmente, como em todas as grandes lutas partindo espontaneamente da base, fomos canalizados e... como carneiros por estes sindicatos hierarquizados e com as mesmas estruturas que o poder capitalista contra o qual nos batemos.

E, no entanto, estávamos ao corrente do que se tinha passado em 1953 e em 1968. Mesmo assim, não nos preocupámos suficientemente com a nossa própria organização, não formámos comités de greve onde todos, sindicalizados e não sindicalizados teríamos podido gerir nós mesmos a luta. Quanto aos responsáveis sindicais, esses preferiram as comissões inter-sindicais...

Também não aprofundámos por que razão o «serviço de ordem» da CGT (que não tem nada a perder na comparação com a Polícia de Choque) se opôs a todas as distribuições de comunicados que não fossem do PS ou do PC. Dizia o «serviço de ordem» CGT: «Impedimos os esquerdistas de distribuir pois eles atacam os sindicatos». Mas vejamos de perto o que diziam esses «esquerdistas»:

HR («Humanité Rouge», maísta): «Devemos organizar comités de greve»
Revolution (trotskista): «A base deve ter a iniciativa, tomar a ofensiva, negociar as nossas condições».

Rouge (trotskista): «Os grevistas devem tomar em mãos a sua própria luta, eleger comités de greve verdadeiramente representativos da vontade de todos os trabalhadores em luta».

Le Postier Affranchi (grupo de carteiros libertários e anarquistas): «Pela auto-organização dos trabalhadores —

deve ser por eles conduzida».
Compreendo hoje por que razão empregava a CGT todos os meios (provações; destruição de comunicados; pancada física — manifestação de 19-11-74 e meeting de 26-11-74; arrancamento sistemático de cartazes de diversos grupos políticos de extrema-esquerda).

Na verdade, se perdemos hoje é porque acreditámos na combatividade e na honestidade dos burocratas, funcionários sindicais que nós engordamos. Eis o nosso grande erro.

Que isto nos sirva de lição e de exemplo para as lutas a vir.

Trabalhadores: dirijamos e geramos nós mesmos doravante as nossas lutas reivindicativas!

Amanhã não serão os jornais de Rouge, HR, Revolution, ou do Postier Affranchi que serão rasgados; serão, sim, os da CGT, da CFDT, da FO.

NOVOS ESQUERDISTAS

(*) Organizações Sindicais.
A CGT é controlada pelo PC.
A CFDT está ligada ao PS e ao PSU.

NO PROXIMO NÚMERO PUBLICAREMOS UM DOSSIER COMPLETO DA LUTA DOS P. T. T.

"Tudo o que é reaccionário é sempre igual se não o golpeias, não cal. É como quando se varre o chão: como é normal, ali onde a vassoura não passa, a poeira não desaparece por si mesma".
CITADO: MAO TSE-TUNG

Jornal da greve 43

(suspensa) dos trabalhadores da Efacec/Inel Lisboa

27-1-75

Participa activamente na discussão e na elaboração do jornal!!!

A última semana veio confirmar a necessidade que a classe operária tem de tomar medidas contra o desemprego e contra o capitalismo que o motiva.

A UTIC, a MESSA, a PLESSEY e a APPLIED, os milhares de trabalhadores rurais no desemprego, a falta de dinheiro para pagamentos salariais e o conseqüente agravamento das condições de vida fazem com que os operários e duma forma mais geral os trabalhadores mais explorados tenham que tomar uma posição mais firme e organizada contra este estado de coisas.

A custa de milhares de trabalhadores desempregados os capitalistas tentam recompor a sua economia, organizam os seus congressos e convocam as suas manifestações onde procuram, apoiando-se mais uma vez nas costas do povo, demonstrar o «apoio» popular que permita conquistar lugares no aparelho de estado, para aí defenderem os interesses económicos da burguesia e perpetuarem a exploração capitalista sob novas formas.

Vejam-se por exemplo que estão marcadas duas manifestações para o dia 31 de Janeiro e nenhuma delas se dirige contra o alvo principal, contra a origem do desemprego e da miséria dos trabalhadores — o sistema capitalista.

Vários grupos juntos em dois blocos, que lutam entre si pela conquista de lugares no aparelho de estado pretendendo servir-se da força dos trabalhadores, para melhor servi-

rem o capital, não pondo nunca na prática em causa o sistema capitalista pois ambos estão de acordo em continuar a exploração do homem pelo homem, embora digam demogógicamente para conquistar apoio popular que são contra o capitalismo. Não é por acaso que todos eles estão de acordo em porrem-se do lado do CDS contra as massas populares que desejam acabar com o fascismo duma forma consequente já que a burguesia no poder não faz mais do que dar liberdade aos inimigos do povo.

Só tomando a resolução dos nossos problemas nas nossas próprias mãos poderemos acabar com o desemprego e a miséria.

Várias comissões de trabalhadores face ao agravamento do desemprego e das condições de vida, estão empenhadas na organização de uma manifestação de trabalhadores contra o desemprego e a sua origem o sistema capitalista.

Participar nesta manifestação é pôr a nossa força ao serviço da classe trabalhadora contra os seus inimigos.

Formemos desde já comissões em todas as fábricas, que em jornais de parede denunciem todos os despedimentos, todo o agravamento das condições de vida, toda a miséria e toda a opressão que a burguesia exerce sobre os trabalhadores.

Oriemos desde já grupos que divulguem a manifestação e organizem os camaradas nas fábricas, nos estaleiros nas associações ou nas ruas com vista à manifestação.